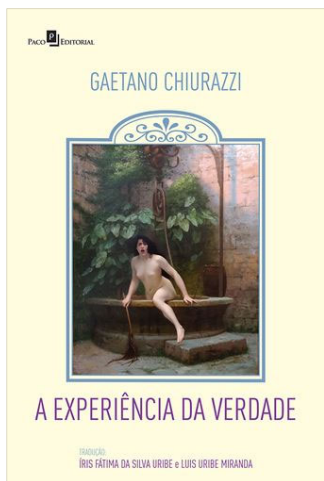


Reseña de “A experiência da verdade”

DOI: 10.5281/zenodo.6656975



Gaetano Chiurazzi

Paco Editorial.

2019, 192 pp.

Jundiaí (SP),

ISBN : 978-85-462-1742-7

A experiência da verdade de Gaetano Chiurazzi explora os temas da relação entre juízo e verdade e pressuposição da verdade. No primeiro capítulo, intitulado *Antes do juízo*, o filósofo italiano recupera a questão colocada por

Heidegger, no parágrafo 44 de *Ser e tempo*, momento em que este se dispõe a desconstruir a definição tradicional da verdade – isto consiste na ideia que esta nada mais é do que adequação do intelecto à realidade. A partir da articulação das teses heideggerianas, o autor ressalta a conclusão do complexo procedimento do pensador alemão, segundo a qual não é o juízo que é o lugar da verdade, mas a verdade é o lugar do juízo. O que Heidegger compreende revisando a compreensão aristotélica da verdade. Escreve o italiano: “A verdade é a condição ontológica do juízo” (Chiurazzi, 2019, p. 22).

O objetivo deste capítulo é legitimar a afirmação heideggeriana, verificando a sua correção filológica e demonstrando sua não-arbitrariedade. Para isso, Chiurazzi investigará a expressão *hypárchein* nos textos aristotélicos das *Categorias* e dos *Análíticos Primeiros*. Composto por *archein* (comandar, ordenar e iniciar) e *hypó* (sob), *hypárchein* faz uma alusão a uma condição implícita de princípio. Seu uso faz referência a algo que já está dado, que já existe de início e não precisa ser dito. Tratar-se-ia aqui, para o pensador italiano, de uma antecedência ontológica, na qual a substância primeira

precede seus predicados - que não existem por si só, na medida em que sua existência depende daquilo que se predica.

Mais adiante, o autor demonstrará filologicamente uma antecedência essencial da própria existência, uma independência dela de toda e qualquer predicação, o que fará ao analisar outro tipo de relação expressa pelo verbo *hypárchein*: a relação entre sujeito e predicado. Na interpretação do autor, a confusão entre existência, verdade e discurso é um erro que tem razões histórico-linguísticas, resultante da tradução de *hypárchein* por *inesse*, fixada por Boécio em seus comentários ao texto *Da interpretação*, de Aristóteles, e da redução, feita por Leibniz, do problema da verdade à veracidade da predicação.

O capítulo é concluído com um retorno à investigação heideggeriana da verdade. Para Heidegger, o termo *inesse* aplicado por Boécio compreende o autêntico sentido aristotélico de que a existência precede o discurso. A verdade precede e está presente antes de algo ser anunciado, e continuaria a existir mesmo que nada tenha sido dito. O autor escreve:

A verdade como existência expressa deste modo uma condição de antecedência absoluta em relação ao discurso: a sua interioridade do discurso não é outra coisa que a sua anterioridade a respeito do discurso (Chiurazzi, 2019, p. 40).

No segundo capítulo inicia-se uma reflexão acerca da questão da verdade diante da dimensão temporal - discussão que será ampliada no capítulo subsequente. Na segunda seção, intitulada *Verbum consignificat tempus*, Chiurazzi sustenta a tese de que “há um tempo da verdade” (2019, p.41), o que não significa dizer que esta é relativa ao tempo.

O filósofo italiano frisa a ideia de que a verdade carrega consigo de modo inevitável uma consignificação temporal, que antecede aprioristicamente. Na primeira parte do capítulo, Chiurazzi investiga o elemento linguístico da cópula - o verbo de ligação que conecta sujeito (substância) e predicado. O autor continuará a defender seu argumento de que o discurso sempre se sustenta numa dimensão temporal. Neste momento, ele busca mostrar como o sentido temporal já é precedente na estrutura do juízo, veiculado pela cópula.

De início, é evocada a posição do linguista francês Émile Benveniste em um ensaio que integra a obra *Problemas de Linguística Geral* (1966). Nele, são confrontadas a frase nominal (sem cópula) e a frase com cópula. A segunda é usada de forma abundante nos relatos históricos e a primeira é muito comum nos textos sentenciosos e doutrinários - e geralmente anuncia uma verdade fora do tempo e para além das circunstâncias; ou seja, a frase sem cópula seria supostamente atemporal.

A falta da cópula seria um indicativo de uma verdade fora do tempo, e a cópula o indicativo temporal do discurso anunciado. Chiurazzi aprofundará o debate destacando um problema que incomodou os teólogos medievais: toda verdade — frase de conteúdo atemporal — só pode ser dita no tempo e com o tempo, o que deve produzir efeitos sobre a própria verdade. O autor vai adiante considerando ainda a consignificação temporal da cópula diante das teses de Donald Davison, Carnap, Quine, Frege, Heidegger e Descartes. De uma discussão do aspecto linguístico da cópula, chega-se a uma compreensão de sua circunstância existencial: “A cópula, enquanto expressão da objetividade do conhecimento, atesta tal sujeito; aliás, para Heidegger, atesta esse sujeito como Ser-aí. Através da cópula, o juízo, e, portanto, a verdade, está ancorada ao Ser-Aí” (Chiurazzi, 2019, p. 69).

A experiência da verdade como experiência do tempo é o título do terceiro capítulo. O primeiro movimento será a tentativa de desfazer um mal-entendido acerca da compreensão heideggeriana de verdade. Por muitos, Heidegger foi acusado de renunciar à tradicional e consolidada noção da verdade como correspondência ou adequação. O autor ressalta que o pensador alemão, pelo contrário, reconhece a legitimidade da concepção da verdade como adequação, o que ele faz é uma passagem da discussão da verdade para um plano antepredicativo, ou seja, anterior à predicação. A verdade antes de ser uma qualificação de uma frase dita se faz presente no *Ser-Aí* que a enuncia.

O filósofo italiano, ainda considerando as conclusões do capítulo anterior, sustenta que não é o sujeito, ou o *Ser-Aí*, de Heidegger, o que origina o juízo e a verdade. O autor escreve: “A ‘dêixis originária’ constitui o ponto de coordenação temporal e espacial de toda predicação e de todo juízo, e logo, da verdade” (Chiurazzi, 2019, p. 74). A dêixis remete à posição do falante ou

como escreve Chiurazzi: “[...] todo enunciado é sempre essencialmente ocasional, e por isso é incompleto” (2019, p. 75). Tal enunciado incompleto se caracteriza por uma elipticidade essencial que não pode ser superada.

Trata-se de uma consideração que levará o autor a considerar que a própria forma da verdade revelada pela dêixis, é temporal. As leis de Newton não eram nem verdadeiras e nem falsas antes da sua descoberta - não tinham a forma possível de serem verdadeiras. Para Chiurazzi, o que porta a verdade não é o enunciado ou as proposições, mas o ato de enunciar (a enunciação) ou o ato de proferir (proferimento). A partir desse momento, o autor adentra mais detalhadamente na discussão sobre a verdade como experiência do tempo e na conclusão do capítulo sublinha que a concepção heideggeriana de verdade não pode ser considerada uma subjetivação.

No quarto capítulo — *Verdade e transformação* —, Chiurazzi destacará que o momento experiencial da verdade produz uma diferença, uma mudança. A verdade não seria um mero enunciado que descreve o mundo e o mantém tal como está. O caráter verdadeiro de um enunciado registra um acontecimento significativo, não-indiferente, que se destaca e modifica aquele mesmo que o enuncia ou o reconhece. O autor afirma que a crítica dos pensadores hermenêuticos à compreensão da verdade como correspondência se concentra sobre o fato de que uma mera descrição da realidade pode facilmente presumir uma inutilidade, uma redução a *flatus vocis*. O pensador escreve:

O que se trata de recuperar, do ponto de vista hermenêutico, e de uma teoria hermenêutica da verdade, é a dimensão experiencial o que ‘verdadeiro’ indelevelmente expressa, e cujo significado é o efeito transformante que ele registra e do qual é marca (Chiurazzi, 2019, p. 95).

Chiurazzi ressalta que não se trata de saber se um predicado é verdadeiro meramente, mas a transformação que ele produz — de nada adianta a lógica desraigada da prática. Neste capítulo, o autor dialoga com a pergunta feita por Nietzsche e Vattimo: *o que faz a verdade?* E a primeira discussão se inicia com a pragmatização da hermenêutica proposta pelo pensador americano Richard Rorty.

Chiurazzi, primeiramente, recorda a crítica rortiana à noção de verdade como correspondência sustentada pela investigação filosófica e científica. Para Rorty,

esta deve ser abandonada em detrimento da adoção de um princípio pragmático para se verificar aquilo que é verdadeiro. E, segundo o pensador italiano, é exatamente esta atitude verificacionista o aspecto inconciliável entre a tese do filósofo norte-americano e a concepção hermenêutica da verdade.

O principal traço dessa incompatibilidade se expressa na defesa rortiana de uma edificação, por meio das palavras, voltada puramente para o aspecto comportamental, no qual se destaca “um caráter perigosamente manipulador” (Chiurazzi, 2019, p. 109). Por sua vez, a concepção hermenêutica da verdade se baseia no aspecto experiencial:

O efeito revolucionário da hermenêutica se apela em primeiro lugar na possibilidade de uma compreensão distinta, expressa na noção de ‘diferença ontológica’: as ciências humanas no fundo não se ocupam de uma verdade distinta, ou do todo da verdade, mas exatamente dos efeitos distintos, por assim dizer, da verdade, ou da verdade como possibilidade de desvio (Chiurazzi, 2019, pp. 111-112).

O autor anuncia no final do capítulo que a experiência da verdade, mesmo que a ocorrida no campo das ciências naturais se refira ao processo transformador do ser humano, à sua formação (*Bildung*), como pensara Gadamer. Consecutivamente, é com as ideias do pensador alemão, autor de *Verdade e Método*, que Chiurazzi discute no capítulo 5 nomeado, *Mais do que o real*. A primeira mensagem que a seção comporta é a recordação de que a experiência da verdade, na concepção de Heidegger e de Gadamer, pode ser reduzida a algo subjetivo — a verdade da experiência não nega a objetividade.

O autor relembra a interpretação equivocada do título de *Verdade e Método* que acaba por pressupor uma contraposição entre verdade e método, uma oposição entre a noção da experiência da verdade hermenêutica e a objetividade. Gadamer se esforça exatamente para fazer o contrário — há verdade fora do método de verificação experimental, mas não necessariamente isso a transforma em uma verdade subjetiva. O pensador italiano apresenta o conceito de jogo como aquele que expõe a dimensão da experiência na qual não há um absoluto controle metódico. No jogo, há sempre um fator incontrollável.

Além de revisar a crítica à redução da experiência a experiência metódica e seu suposto caráter de expressão de objetividade, Chiurazzi descreve a tendência fundamental de Verdade e Método, que recorre a uma objetividade mais radical do que a objetividade - a objetividade do acontecer. O autor escreve:

Esta modalidade ‘acolhedora’ nos confrontos do acontecimento é a modalidade que a hermenêutica filosófica contrapõe ao domínio metódico: é aquela que, afinal de contas, Heidegger chamou ‘abertura’ (Erschlossenheit), ou a ideia que a verdade é, em primeiro lugar, o que, subjetivamente, requer a nossa abertura, a nossa capacidade de acolhê-la, de correspondê-la, e objetivamente, o que ‘abre’ a experiência, manifestando alguma coisa de novo, que antes não havia, e que vai além das nossas expectativas (Chiurazzi, 2019, p. 116).

A partir daí a discussão se encaminha, no final do capítulo, para a questão da formação. Esta deve ser compreendida, à luz do pensamento gadameriano, como um modo de elevação para uma universalidade que se faz intencional. A verdade, na perspectiva de Gadamer, sempre resulta num acréscimo, no incremento do ser, ela muda o real, vai além dele, emolda-o e leva-o a uma nova modalidade. A formação (*Bildung*) é um aprimoramento do ser que, em estado de abertura, enriquece a si mesmo na medida em que amplia sua capacidade de acolher, ao se tornar cada vez mais universal e, logo, verdadeiro. “O homem experimentado é o homem que através da experiência aprende a ser mais aberto, tornando-se mais universal” (Chiurazzi, 2019, p. 138).

No capítulo seguinte, *O sentido da verdade*, o filósofo italiano investiga a radicalidade da compreensão de Nietzsche acerca de uma concepção energética da linguagem. Para Nietzsche, a atenção não deve se voltar ao sentido do que é dito, mas à força que governa uma expressão. “Essa força é a origem do valor, e, portanto, da avaliação que disso consegue: se nada é neutro, é porque tem sempre uma força que se apropria disso atualmente” (Chiurazzi, 2019, p. 140).

Chiurazzi medita, sob a ótica de Gilles Deleuze, a respeito da tarefa da interpretação na perspectiva nietzschiana, cujo objetivo deve se procurar “a força inerente em uma afirmação ou em um valor” (2019, p. 140). Ela é o modo como uma afirmação ou um ato é realizado - sendo, em certas circunstâncias, diferente da força elocutiva descrita pela filosofia dos atos linguísticos de Austin, que se faz intencionalmente. Pelo contrário, a força nietzschiana alude a uma vontade no sentido de Schopenhauer, a algo “mais

ou menos inconsciente” (Chiurazzi, 2019, p. 141). Tal interpretação se caracteriza por ser crítica, que questiona as condições de possibilidade de sentido de nossos conhecimentos, crenças, ações etc. A sua diferença é que não busca propor novos valores, mas “pensar a estreita correção entre os valores e a força. Vale dizer, a modalidade que neles se expressa: uma dimensão adverbial que precede e funda, genealogicamente, a dimensão objectual” (Chiurazzi, 2019, p. 142).

O diálogo de Chiurazzi com Deleuze se expande quando o italiano passa a analisar a teorização de Nietzsche acerca do niilismo. Segundo o autor, o empreendimento não se configura como uma ontologia tradicional, mas experimental, que acaba por produzir algo novo. O resultado da experiência é exatamente o *super-homem*, que surge da anulação das forças que dominavam “o homem platônico-cristão: o ressentimento, a má consciência, a necessidade de submissão, a humildade” (Chiurazzi, 2019, p. 146). O niilismo, segundo Nietzsche, não se mostra como o fim, mas possibilita a produção de novas modalidades existenciais.

Diante disso, o italiano mostra que o que está em jogo não é a pergunta metafísica sobre *o que é?*, mas *quem é?*; ou melhor, *para quem é a verdade?* Para Nietzsche, há dois modos de ser em relação à verdade: o primeiro é aquele do homem sofredor, angustiado, escravo e doente que busca a verdade como um *phármakon*; o segundo é aquele que se relaciona com a verdade como uma experiência alegre e desinteressada, que não aguarda por consolação. A verdade, segundo este modo de ser, possibilita a transformabilidade do homem. O autor analisa: “O super-homem, o homem capaz de ser livre, de uma existência alegre, de aceitar a vida, e a verdade, talvez seja, simplesmente, um homem que não caminha mais de ‘cabeça baixa’” (Chiurazzi, 2019, p. 153).

No sétimo e último capítulo, intitulado *Uma concepção não alienada da verdade*, Gaetano Chiurazzi apresenta a proposta de uma compreensão da verdade nos moldes do realismo experiencial, diferente do realismo metafísico e do realismo empírico. O autor frisa que o problema da verdade não pode ignorar a referência ao *quem* da enunciação, o que não a qualifica como subjetiva. Em seguida, levanta a crítica de Hilary Putnam à concepção de verdade do realismo metafísico, que acaba por se configurar como uma

abstração, como uma imagem alienada da verdade: “A verdade constituiria então a condição própria de toda essência, isto é, de objetos e de um mundo em si. A independência da experiência é, portanto, o traço típico da concepção metafísica da verdade” (Chiurazzi, 2019, p. 155).

Chiurazzi sustenta que o realismo metafísico, o realismo empírico, o subjetivismo ou o idealismo têm em comum um fato: introduzem uma imagem unilateral da real experiência. De forma contrária, a hermenêutica filosófica busca uma imagem muito mais complexa da verdade, uma visão não alienada. Tal alienação ocorre quando se tenta recortar um pedaço do mundo e apresentá-lo como realidade; trata-se de uma simplificação.

Antes de sua conclusão, a obra ainda retoma o aspecto da relação entre verdade e tempo diante da tese da equivalência, que considera completamente inútil o predicado *verdadeiro*. Este rebaixaria a construção *é verdadeiro que p* para a construção *existe p*. O autor explica que a “expressão ‘experiência da verdade’ quer, pois, aludir ao fato que a estruturação forma da verdade não pode senão ser a própria da experiência” (Chiurazzi, 2019, p. 166) e que expressões como verdadeiro e falso estão numa dimensão intensiva e modal da experiência.

Em sua conclusão, Chiurazzi apresenta a verdade como um modo de aceder à realidade, como um ato, não como um objeto, e assim escreve que o problema hermenêutico da verdade “se coloca sobre este fundo da dinamicidade radical, o mundo marcado pelo movimento, do agir, da mudança, do tempo: não para negá-la, mas para lhe negar a estrutura metafísica” (Chiurazzi, 2019, p. 176). Assim, a verdade se mostra primordialmente como sabedoria para a ação.

André Sales de Abreu Lisboa

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Italiana – GEPFIT.

<http://orcid.org/0000-0002-7631-4618>

andrelisboax@gmail.com